

Eixo Temático 13: Estudos Críticos das Heterossexualidades

Rodrigo de Oliveira Feitosa Vaz¹

RESUMO:

Este trabalho aponta para a indissociabilidade entre vida, escrita e performance. Para tanto, sob inspiração de Mombaça (2021), usarei as marcas que se escreveram em meu corpo de bicha não binária, diverso funcional, nordestine, de modo a pensar os enfrentamentos do meu corpo vivo em determinados espaços que reforçam pactos narcísicos da branquitude (BENTO, 2022) assentes também na cisheterossexualidade compulsória (VERGUEIRO, 2015). Desta feita, tomaremos como ferramentas de análise os estudos queer e crip a partir de McRuer (2021a; 2021b).

Palavras-chave: teoria queer/crip, escrita/performance, cisheterossexualidade compulsória.

CRIPPLE, BITCH!

Rodrigo de Oliveira Feitosa Vaz

INTRODUÇÃO

Este trabalho aponta para a indissociabilidade entre vida, escrita e performance. Para tanto, sob inspiração de Mombaça (2021), usarei as marcas que se escreveram em meu corpo de bicha não binária, diverso funcional, nordestine, de modo a pensar os enfrentamentos do meu corpo vivo em determinados espaços que reforçam pactos narcísicos da branquitude (BENTO, 2022) assentes também na cisheterossexualidade compulsória (VERGUEIRO, 2015).

Interessamo-nos pelo saber do corpo como saber das forças, como coloca Rolnik (2014), pois o corpo se reorganiza com os efeitos do mundo vivo e a experiência deixa marcas de uma cartografia do presente. E, uma vez efetuada, ou seja, colocada em movimento, uma marca, de acordo com Rolnik (1993), continua a viver como potencial criador e pode ser reativada a qualquer momento. Uma marca só se reatualiza em uma nova situação de conexão

¹ Psicóloga, Corpo Clínico do Projeto Aquendendo Afetos: Saúde Mental para Pessoas Trans. Membro do Coletivo Não Binário da Paraíba. Graduação em Psicologia pela UFPB, mestre em Psicologia Social pela PUC-SP; Atroz/performer e escritora. Publicou o livro de contos Máquina de Escrever (2018) pela Editora Kazuá. E-mail: rodrigovazpsi@gmail.com.

ao encontrar ressonâncias em algum ambiente e, quando isso ocorre, produz-se uma nova diferença, um novo corpo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Como metodologia para este trabalho, utilizaremos de recursos audiovisuais e de escrita, dialogando com a perspectiva interventivo-poética de Mombaça (2021) e Anzáldua (2000), ao enunciarem como a colonialidade reitera os olhares da supremacia branco-academicista que nunca desejou nos conhecer, pois estão muito ocupados com os critérios utilitaristas de credibilidade, neutralidade e universalidade. Nesse sentido, também convocaremos Collins (2016) a partir do conceito de *outsider within* como caixa de ferramentas para analisarmos as experiências de determinados corpos em contato com sua marginalidade quando em contextos acadêmicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Transposto para a língua portuguesa, queer como coloca McRuer (2021a) pode ser traduzido como torção, estranho, esquisito, aberrante, contra identificação estratégica daqueles (as) (us) consideradas desviantes das normatividades sexuais e de gênero, antes um xingamento e acusação contra aqueles (as) (us) fora das normas e padrões sexuais, torna-se um contra-ataque à própria ordem que divide os indivíduos entre “normais” e “patológicos”. Nesta toada, acrescenta o autor, as políticas combativas contemporâneas da deficiência mais combativas se conectam pujantemente a uma variedade de ativismos queer das últimas décadas.

De acordo com McRuer (2021a), assim como o termo queer, cripple (considerado um termo derogatório) é uma ofensa voltada às pessoas com deficiência, porém se torna estratégico para uma parcela de ativistas dos movimentos de pessoas com deficiência no intuito de apontar as ordenações normativas da divisão entre indivíduos corporalmente capazes e aqueles considerados disfuncionais ou 'não capazes', produzindo grietas (rachaduras) nas violências capacitistas contra pessoas diverso funcionais ou com mobility impairments (mobilidade reduzida) assentes na compulsory able-bodiedness (habilidade corporal compulsória). Sendo assim, para os ativistas aleijados, a vontade de denunciar e refazer o mundo toma variadas formas como o caso do adesivo colado em edifícios e outros locais não acessíveis a PCD's - "Torne acessível ou mijaremos em qualquer lugar" - transformando o espaço ao fazer ver as exclusões que o estruturam.

Algo emerge daí como uso pertinente da raiva (LORDE, 2019) contra os espaços que foram feitos contra e apesar de nós (MOMBAÇA, 2021). Raiva que nas palavras de McRuer (2021a) é carregada também de um humor ácido camp como intervenção queer vibrante nas culturas públicas, como performance ético-estético-política.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ah, vi que vc tem um probleminha, por isso tá sentando assim...
- senhora, bom dia! Todes temos problemas.
- eu só tô dizendo...
- eu tb só tô dizendo. Todes temos problemas. Sabe dos seus?
- vc estuda? ah, como vc eh uma pessoa guerreira, sai pra comprar suas coisas, pagar suas contas...
- como assim?
- foi AVC? sua mãe deve ter tomado algo pra lhe abortar!
- como assim?
- você tem todos os dedos ?(olha fixamente para o sapato do pé direito)
- ah, vi que vc não gosta de conversa... não conheço tantas pessoas especiais e estudadas ainda... nunca tivemos pessoas como vc concorrendo à vagas afirmativas. Aliás, nunca tivemos vagas afirmativas no nosso corpo de profissionais... vamos aprender com vc. Vc vai nos ensinar, né?
- Aceita Jesus que ele tem um plano na sua vida. Ele tá voltando, viu?!
- mal posso esperar o que "ele" vai aprontar dessa vez!

Para Demetri (2018), em sintonia com o pensamento butleriano, queer não diria respeito apenas aos dissidentes sexuais e desobedientes de gênero que desafiam as convenções sociais. Se utilizando de uma potente tra(ns)dução contingente, este autor nos contagia com os gestos da bicha afetada, um *something queer*, um artifício exagerado com ares de falsidade e atitudes fingidas, alguém que inevitavelmente, segundo os padrões vigentes, não se deve confiar.

Nesta mesma linha, McRuer (2021b) problematiza as categorias, por vezes, monolíticas, que capturam o campo das deficiências, quando os movimentos de garantias de direitos das pessoas com deficiência ficam circunscritos ao se ajustar ou até se orgulhar de “sua condição”, na qual a tolerância que sustenta tal orgulho encobre a natureza compulsória da identidade do sujeito apto, alocando em nós, *cripple, bitch*, sermos porta-vozes de um

nome, reiterando que identidades fisicamente aptas são mais preferíveis e que seria isso o que nós estaríamos buscando.

Tal fator aponta para as demandas de um sistema de capacidade física compulsória que repetidamente insiste que incorporemos uma determinada resposta, ao final, de certa pergunta tácita: “Sim, nós preferiríamos não ser PCD’s”. É por esta via que McRuer (2021b) brilhantemente entrelaça a corporeidade compulsória com a heterossexualidade compulsória: uma vez que a estranheza e a deficiência perturbem o desempenho da heterossexualidade fisicamente apta, devem ser imediatamente contidas, rotuladas, vigiadas, capturadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem é esse rapaz que tanto androginiza,
Que tanto me convida pra carnavalizar.
Que tanto se requebra no céu de um salto alto, que usa anéis e plumas a lantejoulizar?
Que acena e manda beijos pra todos seu amores, que vive sempre à cores a escandalizar?

A minha mãe falou que é um tipo perigoso que vive sorridente fazendo quá quá quá
O meu pai me contou que um dia viu um cara num cabaré da Zona dançando Cha Cha Cha

Quem é esse rapaz que tanto androginiza, que tudo anarquiza pra dissocializar?
Com mil e um viados puxando o seu foguete que lembra um sorvete pra refrescalizar
Cuidado aí vem ele, é um circo é um cometa.

(Androginismo, Canção de Almério).

Uma queeridade fricciosa o “cistema” (VERGUEIRO, 2015) por problematizar a ideia de normalização e as categorias reiterativas da cisheterossexualidade como norma política a nos perseguir como um modelo rígido, mantenedor de expectativas e mandatos sociais (COLLING, 2018). E, neste sentido, por se apoiar na possibilidade de desestabilizar normas imutáveis e perturbar os discursos tradicionais da cisheteronormatividade (THÜRLER & COLLING, 2020), é que as composições de práticas queer geram um pânico diante de uma masculinidade que se reitere crível e esteja condicionada/imbricada a uma corponormatividade, a uma condição física obrigatória e vice-versa (MCRUER, 2021b).

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, G. **"Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo"** (trad. Édna de Marco). *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. Companhia das Letras, 2022.

- COLLING, L. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.
- COLLINS, P. H. **Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Revista Sociedade e Estado, volume 3, número 1, janeiro/abril 2016, pp. 99-126.
- DEMETRI, F. F. **Judith Butler: filósofa da vulnerabilidade**. 1ª edição. Salvador, BA: Editora Devires, 2018.
- LORDE, A. **Irmã outsider**. Trad. Stephanie Borges. 1º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019
- MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MCRUER, R. **Alejando as políticas queer, ou os perigos do neoliberalismo**. Tradução de Marco Antônio Gavério. Revisão da tradução de Anahí Guedes de Mello e Giovanna Marafon. Educ. Anál., Londrina, v.6, n.1, p. 105-119, jan./jul. 2021a.
- _____. **Teoría crip: Signos culturales de lo queer y de la discapacidad**. (Spanish Edition). Tradução de Javier Sáez del Álamo. Kaótica Libros, 2021b.
- ROLNIK, S. **Micropolíticas del pensamiento sugerencias a quienes intentan burlar el inconsciente colonial**. Conferência proferida para o encontro “Descolonizar el museo”, MAC (Museu de Arte de Barcelona), 2014.
- _____. **Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. Caderno de Subjetividade (PUC/SP), 1 (2), set./fev. 1993, pp. 241-251.
- THÜRLER, D. & COLLING, L. **Um curso de especialização em gênero e sexualidade em perspectiva queer, decolonial e interseccional**. In: RODRIGUES, A.; CAETANO, M.; SOARES, M.C. S. (orgs.). *Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro*. 1ª edição/Salvador – BA. Editora Devires, 2020.
- VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.